



EDIÇÃO
ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO DE COIMBRA

DEZEMBRO 2023

GÉNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS

FILOMENA TEIXEIRA
ANA FRIAS
SUSANA SILVEIRA
DULCE VAZ
JOSÉ MORGADO
PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO
ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI
ISABEL CHAGAS
TERESA VILAÇA
ISABEL MARTINS
CÉLIA REGINA ROSSI
SÓNIA MARTINS DE MELO

FICHA TÉCNICA

Título

Género, Diversidade Sexual e Direitos Humanos

Edição

Escola Superior de Educação de Coimbra



Data

dezembro 2023



ISBN

978-989-9145-09-2



Universidade do Minho



Coordenação
Filomena Teixeira, Ana Frias, Susana Silveira,
Dulce Vaz, José Morgado, Paulo Rennes Marçal
Ribeiro, Ana Cláudia Bortolozzi, Isabel Chagas,
Teresa Vilaça, Isabel Martins, Célia Regina Rossi,
Sónia Martins de Melo

ÍNDICE

NOTA DE ABERTURA.....	6
“IDEOLOGIA DE GÊNERO”, POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS	7
ANTÓNIO FERNANDO CASCAIS	
PANDEMIAS, EDUCAÇÃO E VIGILÂNCIA MORAL: REFLEXÕES SOBRE RELAÇÕES NÃO MONOGÂMICAS EM CRISES DE SAÚDE.....	13
PABLO PÉREZ NAVARRO	
O DUPLO PROBLEMA DA PORNOGRAFIA GAY NA ARTE: LIBERDADE DE EXPRESSÃO E DIVERSIDADE SEXUAL	19
BRUNO MARQUES	
FEMVERTISING: A PUBLICIDADE PODE CONTRIBUIR PARA O EMPODERAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE?.....	29
JORGE VERÍSSIMO	
ABORDAJE DEL PRINCIPIO DE IGUALDAD Y SEXUALIDAD EN LAS INSTITUCIONES EDUCATIVAS DESDE LAS PEDAGOGÍAS FEMINISTAS INTERSECCIONALES.....	41
MARÍA TERESA BEJARANO-FRANCO, IRENE MARTÍNEZ-MARTÍN	
PERCEÇÕES SOBRE A IGUALDADE E OS PAPÉIS DE GÊNERO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PESSOAS VÍTIMAS E NÃO VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	48
MARIA JOÃO DIAS, CRISTINA C. VIEIRA	
PORN AS INFORMAL DIGITAL SEXUAL EDUCATION? CHALLENGES AND OPPORTUNITIES FROM THE YOUTH IN CATALONIA	53
LAURA FERNÁNDEZ, MARIA-JOSE MASANET, SERGIO VILLANUEVA	
“A CAMPANHA ABGLGBTQIA+” E O DISCURSO DE ÓDIO NOS MEDIA	57
FILOMENA TEIXEIRA, ANA FRIAS, FERNANDO MOREIRA MARQUES	
O DIREITO À MATERNIDADE PELA VOZ DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	63
PRISCILA FOGER MARQUES, ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI	
MULHERES E CIÊNCIA: UM OLHAR PARA AS NARRATIVAS E PARA AS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DE CIENTISTAS MÃES, NA PANDEMIA.....	69
SUSANA DA MATA RAMOS GEPPERT, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
CIÊNCIA OU FALÁCIA? REFLEXÕES SOBRE O DEBATE SOBRE “IDEOLOGIA DE GÊNERO” NO BRASIL	75
EDUARDO DE MEDEIROS PERETTI, SONIA MARIA MARTINS DE MELO	
ANÁLISE DO DISCURSO DA EXTREMA DIREITA PARA DESLEGITIMAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES COM LIBERDADE SEXUAL	80
SOFIA FERNANDES DE OLIVEIRA, CÉLIA REGINA ROSSI	

A EDUCAÇÃO SEXUAL VIVENCIADA POR ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	85
ANA CARLA VIEIRA OTTONI, ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI	
A EDUCAÇÃO SEXUAL ENQUANTO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: NOTAS PARA REFLEXÃO DE PROFESSORES	91
GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA, MICHELE GARCIA, PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO	
ESCOLA, DOCÊNCIA E INFÂNCIA: QUESTÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	97
RINALDO CORRER, CLÁUDIO RODRIGUES ALVES	
PERCEÇÃO DE ESTUDANTES E DE PESSOAS COM 60+ ANOS SOBRE O CORPO IDOSO	101
ANA FRIAS, FILOMENA TEIXEIRA	
SÉRIE CONTROL Z: DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRIMEIRA TEMPORADA	106
LETIANE OLIVEIRA DA FONSECA, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
ESCUTA FEMINISTA COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO E CUIDADO ENTRE JOVENS MULHERES ...	110
JULIA OGASHAWARA DE OLIVIERA, RAQUEL BAPTISTA SPAZIANI	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CONCEITO DE HETERONORMATIVIDADE DE PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	115
RINALDO CORRER, LILIAN DE OLIVEIRA LINO	
DISCURSOS ANTIFEMINISTAS ONLINE: UNA APROXIMACIÓN EMPÍRICA DESDE LA JUVENTUD EN CATALUÑA	120
ANNA IÑIGO, LAURA FERNÁNDEZ	
GÊNERO, SAÚDE E OS MEDIA: UMA INTERVENÇÃO COM ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL	125
ALANA DE ANDRADE SANTANA, CLÁUDIA DIAS PRIOSTE, FILOMENA TEIXEIRA	
A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO PRESSUPOSTO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA	131
GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA, MICHELE GARCIA, PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO	
GÊNERO E CIÊNCIA NO YOUTUBE: TECENDO ALGUMAS ANÁLISES	136
YASMIN TEIXEIRA MELLO, JOANALIRA CORPES MAGALHÃES, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
O ASSÉDIO SEXUAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL – REPRESENTAÇÕES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AO GÊNERO	141
DANIELA SOFIA NETO	
GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: PERCEÇÕES DE FUTUROS/AS DOCENTES	146
MARCUS PEREIRA JUNIOR, FILOMENA TEIXEIRA, ANA VALENTE RODRIGUES	
PESSOAS TRANS, SAÚDE REPRODUTIVA E DIREITOS HUMANOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA EM PORTUGAL	152
PAULA DÜRKS CASSOL	
A NEGLIGÊNCIA DA DIMENSÃO DA SEXUALIDADE NO TRATAMENTO DE PACIENTES NEUROLÓGICOS: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS	157
FABIANA DURANTE DE MEDEIROS	

DIVERSIDADE DE GÊNERO: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO PRODUTIVA NO MERCADO DE TRABALHO	162
ANA PAULA SPECK FEIJÓ, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
ESTUDANTES TRANS: NARRATIVAS ESCOLARES RELACIONADAS AO PRECONCEITO	167
VIVIANE HASFELD MACHADO, JOANALIRA CORPES MAGALHÃES, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
OS MEDIA, VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E A INVISIBILIZAÇÃO DO TERMO FEMINICÍDIO	172
LUMA FLÁVIA JOSINO	
O MUNDO MASCULINO NA POESIA DO JORNAL ALTO MADEIRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: NOTAS PRELIMINARES DE PESQUISA	176
JOÃO GUILHERME RODRIGUES MENDONÇA, PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO	
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, GÊNERO, SEXUALIDADE E MÍDIAS: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL NA PÓS-GRADUAÇÃO	181
FABIANE FREIRE FRANÇA, FILOMENA TEIXEIRA	
TECENDO ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	186
RAQUEL BAPTISTA SPAZIANI, BIANCA MONDIN DOS SANTOS MENDONÇA RAYMUNDO, BRUNA PEREIRA BINI, HELENA FREIRE WOIGT, LETÍCIA QUESADA FABIÃO ALVES, LUÍSA SEGALLA DE CARVALHO, MARIANA SANTANA DOS SANTOS, SUSANA SIEIRO BANDEIRA	
SERVIÇOS FARMACÊUTICOS E A FARMÁCIA INCLUSIVA: POPULAÇÃO LGBTQIAPN+	191
RAQUEL REGINA DUARTE MOREIRA, KATELLYN COSTA SILVA	
O PROJETO KINDER NO ENSINO DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA: RELATO DE UM PERCURSO	195
ISABEL CORREIA, SOFIA GONÇALVES, TATIANA MOURA	
UM RELATO SOBRE O PROJETO “CORPOS QUE TRANSITAM NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA INVESTIGAÇÃO COM PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO”	200
TAINÁ DOS REIS GARCIA, PAULA REGINA COSTA RIBEIRO	
DECLARAÇÃO DE COIMBRA.....	206

NOTA DE ABERTURA

Num tempo marcado pelo ‘aqui e agora’, onde o apelo à sexualidade é uma constante, importa que o e-book Género, Diversidade Sexual e Direitos Humanos, reúna e divulgue trabalhos de investigação e relato de práticas sobre questões de género e diversidade sexual, prementes no quadro dos Direitos Humanos, apresentados e discutidos no VII Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual (VII CISES). Tendo por base a Estratégia Nacional para a Igualdade e Não Discriminação (ENIND, 2018-2030), o VII CISES pretendeu estimular o debate e a reflexão, a respeito do papel das mulheres e dos movimentos LGBTQI+, temáticas ainda invisibilizadas e silenciadas nos espaços escolares, mas de particular atualidade e relevância, atendendo às (im)posições curriculares, às políticas educativas que urge implementar, à investigação e práticas sobre a igualdade e não discriminação em razão de sexo, orientação sexual, identidade e expressão de género. Todos os textos nele incluídos são da responsabilidade dos autores e autoras, tendo sido sujeitos à apreciação por pares. A terminar esta publicação, em formato eletrónico, apresenta-se a Declaração de Coimbra onde profissionais de educação, investigação e formação, reforçam princípios, compromissos e linhas de ação assumidos em anteriores congressos, mas também reiteram a determinação individual e coletiva de afirmar a dignidade humana no quadro da diversidade sexual e de género.

“A CAMPANHA ABCLGBTQIA+” E O DISCURSO DE ÓDIO NOS MEDIA

Filomena Teixeira^{1,2,3}, Ana Frias^{1,3,2}, Fernando Moreira Marques⁴

¹ Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra (ESE/IPC)

² Centro Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro

³ Núcleo de Investigação, Educação, Formação e Intervenção da ESE/IPC

⁴ Agrupamento de Escolas Eugénio de Castro

filomena@esec.pt

Resumo

O discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIA+ tem aumentado nos media e redes sociais constituindo um problema de direitos humanos que interpela as sociedades democráticas. A reflexão crítica sobre os fatores envolvidos requer o aprofundamento sociocientífico. Este estudo, de natureza qualitativa, procura conhecer o modo como o discurso de ódio emerge no caso da “Campanha ABCLGBTQIA+. Aprender faz parte”, o repertório de argumentos que utiliza e a polarização que adota em cada enunciação. Sinalizam-se ainda estratégias educativas e de formação que possam ser usadas para a sua desconstrução e prevenção. O corpus foi constituído por notícias, artigos de opinião e comentários nas redes sociais. No processo de codificação recorreu-se ao software MAXQDA. O estudo mostra que o discurso de ódio circula nos media, tem raízes no regime heteronormativo, está associado à extrema direita e dá primazia ao preconceito e à crença contra o conhecimento científico. Os resultados apelam ao debate democrático sobre a liberdade de expressão nos media e aconselham a inclusão do discurso de ódio nos currículos do ensino básico, secundário e formação de professores.

Palavras-chave: Campanha ABCLGBTQIA+; Discurso de ódio; Media; Género; Direitos Humanos

Abstract

Hate speech against the LGBTQIA+ community has increased in the media and social networks, constituting a human rights problem that challenges democratic societies. The critical reflection on the factors involved requires socio-scientific deepening. This qualitative study seeks to understand how hate speech emerges in the “ABCLGBTQIA+ Campaign. Being part of it is learning”, the repertoire of arguments it uses and the polarization it adopts in each enunciation. Educational and training strategies that can be used for its deconstruction and prevention are also indicated. The corpus consisted of news, opinion articles and comments on social media networks. The process of codification of the statements was supported by MAXQDA. The study shows that hate speech circulates in the media, has roots in the heteronormative regimen, is associated with the far right and gives primacy to prejudice and belief against scientific knowledge. The results call for democratic debate on freedom of expression in the media and advise the inclusion of hate speech in the curriculum of Basic and Secondary Education, along with the teacher training.

Keywords: ABCLGBTQIA+ Campaign; Hate Speech; Media; Gender; Human Rights

INTRODUÇÃO

O discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIA+ tem aumentado nos media e redes sociais constituindo um problema de direitos humanos que interpela as sociedades democráticas. De facto, a sua rápida disseminação exponencia os riscos de discriminação e violência. O recente relatório internacional da consultora LLYC *“Discurso de ódio e orgulho LGBTQIA+ no debate digital”* (junho, 2023) mostra a extensão crescente da homofobia e transfobia nas redes sociais, traduzida num aumento global de 9,4% das mensagens de ódio, entre 2019 e 2022. O estudo relata que “as narrativas depreciativas são as que se referem à aversão ou ao ódio contra a comunidade, às acusações da chamada ideologia de género, às críticas aos privilégios percebidos dos LGBTQIA+ e à adoção por casais LGBTQIA+”. No caso de Portugal, menciona-se que as mensagens detratórias aumentaram 184,85%, no mesmo período. Contudo, esta situação não está espelhada nas estatísticas oficiais. De acordo com a Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância do Conselho da Europa (ECRI, 2018), os dados oficiais sobre o discurso de ódio em Portugal são escassos e incompletos, contrastando com os divulgados pelas ONG. Também o estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI aponta no mesmo sentido, ao alertar para o problema da subnotificação de dados e baixas taxas de denúncia, devido à falta de um sistema organizado de registo e à desconfiança das vítimas (Saleiro, 2022). De igual modo, a plataforma UNI-FORMS justifica o baixo número de denúncias de crimes de ódio com “a desconfiança nas autoridades, bem como a falta de vontade ou o medo de revelar a própria orientação sexual ou identidade de género”⁸.

A complexidade de fatores envolvidos na disseminação do discurso de ódio remete para a necessidade de aprofundamento do conhecimento sociocientífico (Silva, 2021; Saleiro, 2022), com vista a uma atuação global concertada, como propõe a Estratégia e Plano de Ação das Nações Unidas para Combater o Discurso de Ódio (2019)⁹.

Para Carlson (2022, p. 13), o discurso de ódio “representa um fenómeno estrutural, na base do qual os que ostentam poder utilizam assédio verbal e símbolos ofensivos para manter a sua posição privilegiada na ordem social”. Andrade (2021, p. 51) identifica três elementos frequentemente associados ao discurso de ódio - o preconceito, a discriminação e a intolerância - entendendo-o como “a manifestação ou expressão, motivada por preconceito ou intolerância, através da qual uma pessoa ou um grupo é discriminado, com base nas suas características identitárias”. A ECRI (2016, p. 16)¹⁰ reconhece três modos de expressão do discurso de ódio: *i)* a incitação à difamação ou discriminação de uma pessoa ou grupo de pessoas; *ii)* qualquer tipo de

⁸ Consultado em <https://uni-form.eu/about?country=PT&locale=pt>. O UNI-FORM é uma plataforma de denúncia online na UE.

⁹ Consultado em <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1676791>.

¹⁰ Consultado em <https://rm.coe.int/ecri-general-policy-recommendation-no-15-on-combating-hate-speech/16808b5b01>

assédio, insulto, estereótipos negativos, estigmatização ou ameaça a essa pessoa ou grupo de pessoas; *iii*) qualquer forma de defesa ou justificação de todos estes modos de expressão.

METODOLOGIA

Adotando uma perspetiva de género e direitos humanos, este estudo qualitativo procura conhecer o modo como o discurso de ódio opera no caso da *Campanha ABCLGBTQIA+*. *Aprender faz parte*, qual o repertório de argumentos que utiliza e que polarização adota em cada enunciação. No trabalho de identificação e análise das diferentes posições discursivas indagam-se as estratégias educativas e de formação que podem ser usadas para a sua desconstrução e prevenção. A *Campanha ABCLGBTQIA+*, lançada, em junho de 2022, pela FOX Life com consultoria da ILGA Portugal, colaboração do jornal Público e plataforma Spotify, difundiu na televisão, rádio, imprensa, internet e cartazes de rua (mupis) um glossário composto por trinta e sete termos sobre identidades sexuais e de género. As polémicas geradas pela campanha puseram em confronto diferentes horizontes de sentido sobre a comunidade LGBTQIA+.

O *corpus* foi constituído por notícias, artigos de opinião, comentários em redes sociais e podcasts que aludiram à campanha. Do corpus de textos analisados foram selecionados nove para este estudo por conterem marcas de discurso de ódio: oito artigos de opinião publicados nos jornais Público (9/7/22 e 16/7/22), Expresso (15/7/22 e 19/7/22) Observador (19/7/22), Jornal I (27/6/22), Dinheiro Vivo (29/7/22) e Notícias de Aveiro (30/6/22) e uma publicação no Facebook (16/6/22). Com base em Silva (2021) e no tratamento dos segmentos discursivos recolhidos, constituíram-se oito categorias de análise. No processo de codificação recorreu-se ao programa MAXQDA.

RESULTADOS

Em todos os textos analisados, o principal alvo do discurso de ódio é a comunidade LGBTQIA+. Da análise do *corpus*, foram codificados 115 comentários com marcas de discurso de ódio, dos quais 97,4% (N=112) se distribuem pelas categorias acusação (36), ridicularização (32), insulto (26), estereotipização negativa (8), inferiorização (6) e desumanização (4). Discutem-se seguidamente alguns exemplos representativos.

Na categoria “acusação” reuniram-se os comentários que inculpam a comunidade LGBTQIA+ por factos indignos e/ou encobrimento ideológico, promovendo o deslocamento da culpa para o “outro” (Wodak, 1997). Por vezes, o locutor apresenta-se como vítima da chamada inversão do preconceito. São disto exemplo:

Porque este movimento [radicalismo transgénero], tal como está a ser apresentado, não está a lutar por direitos cívicos, liberdades e garantias, igualdade. Está a lutar pela submissão ou mesmo anulação de todas as outras identidades, hétero ou gay,

masculina ou feminina. E, acima de tudo, está a inventar um mundo alternativo onde não existem factos biológicos simples e básicos. (14HR)

Estas iniciativas [LGBTQIA+] procuram desestruturar a sociedade ao imporem uma ideologia que elimina as diferenças e a complementaridade entre homem e mulher, que corrói o conceito de família tradicional e os conceitos de pai, mãe, filho e filha. (20GB)¹¹

[...] o movimento do “orgulho gay” já não se trata de uma luta pela liberdade, nem pela igualdade, nem pela dignidade humana. Trata-se, isso sim, de uma luta por uma agenda política onde a liberdade de pensamento não tem lugar! [...] Aqueles que discordarem são simplesmente “cancelados”, porque quem discordar só pode ser homofóbico e preconceituoso! (21GB)¹²

Na categoria “ridicularização” incluíram-se os comentários risíveis e/ou que usam de ironia ou sarcasmo, como os seguintes:

Este activismo trans lembra o Santo Ofício a exigir que todos fossem convertidos ao catolicismo. O que é uma maçada. Não vão descansar enquanto não nos obrigarem a admitir que um homem é uma mulher. Para provarem à Inquisição que já não eram judeus, os cristãos-novos inventaram a alheira. Está visto que, para que a Nova Inquisição não me aborreça, também vou ter de fingir que vejo um chouriço onde ele não existe. (32JDQ)

Esta questão da LGBTTTQQIAA+ sempre me pareceu o afã medieval dos teólogos para definir a hierarquia dos céus, com os Serafins, Querubins, Tronos, Domínios, Virtudes, Poderes, Principados, Arcanjos, e Anjos, o que daria SQT DVPPAA, mesmo assim com menos letras e sem aquele indeterminado +. (11PP2)

Na categoria “insulto”, os comentários manifestam raiva contra a comunidade LGBTQIA+, considerando-a um perigo social ou põem em causa as suas características identitárias, como os que se seguem:

Para quem tem andado distraído, eu venho aqui denunciar mais um atentado à inteligência e também à normalidade por parte de organizações ·terroristas· que nos tentam impor à força os seus desvarios. (2PL)

¹¹ Vereador municipal do partido de extrema direita CHEGA. Artigo publicado no jornal Notícias de Aveiro, em 30/6/22.

¹² Idem.

Ora, sucede que uma mulher trans não é uma mulher. Da mesma forma que leite de soja não é leite, por mais branco e fresquinho que seja. (17JDQ)

Ou seja, a escolha do sexo é “social” e não natural e eu posso ter o sexo que quiser, ou a combinação de sexos que escolher, ou achar que sou um não-humano. (4PP1)

As categorias “incitação ao genocídio e/ou violência” (2) e “ameaça” (1) codificaram os comentários que remetem para as polaridades mais negativas do discurso de ódio, usando de intensificação, inadequação, aviltamento e descortesia¹³:

Acho que estamos a precisar urgentemente duma "Inquisição" que limpe este lixo humano(?) todo! (1PL) [...] Outra ideia: chamamos cá o Putin (o Grande) para meter todos estes "tramposos· nos eixos!!! (ou noutro sítio que agora não digo!!!) (2PL) [...] Acho que esta bosta tem o nome de ideologia de género e constitui um dos grandes perigos civilizacionais que teremos que começar a enfrentar. (3PL)

CONCLUSÕES

O estudo mostra que o discurso de ódio circula nos media, tem raízes ideológicas na sociedade patriarcal e heteronormativa, está muitas vezes associado ao radicalismo de extrema direita e dá primazia ao preconceito e crença sobre o conhecimento científico.

Se considerarmos a versão atual da pirâmide do ódio de G. W. Allport (Williams, 2022), elaborada pela Anti-Defamation League (2021)¹⁴, os comentários analisados situam-se nos dois primeiros níveis da sua base. Como alerta Carlson (2022, p. 15), “o discurso de ódio é o cimento de problemas como a discriminação, a violência baseada em preconceitos e o genocídio” que encimam a pirâmide. Nesse sentido, deve entender-se o discurso de ódio como motor da discriminação e da violência e não como seu sintoma.

Os resultados deste estudo apelam ao debate democrático sobre a liberdade de expressão nos media, bem como à inclusão da temática do discurso de ódio nos currículos do ensino básico, secundário e de formação de professores/as, com vista à sua consciencialização e desconstrução. Este percurso formativo remete para o desenho de recursos didáticos que deem sentido a contranarrativas baseadas em experiências biográficas e temas de bioética crítica.

¹³ Estes comentários são agravados por terem sido escritos por um professor universitário no Facebook e partilhados com a comunidade académica. A sua página contém símbolos do partido de extrema direita ADN. Ver Jornal de Notícias de 30/6/2022, consultado em <https://www.jn.pt/pais/noticias/aveiro/aveiro/lixo-humano-publicacao-de-docente-sobre-comunidade-lgbti-causa-indignacao--14982286.html/>

¹⁴ Disponível em https://www.adl.org/sites/default/files/pyramid-of-hate-web-english_1.pdf

Agradecimentos

Trabalho financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/00194/2020 y UIDP/00194/2020 (CIDTFF).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, A. G. C. (2021). Liberdade de expressão e discurso de ódio. In Costa, A. M. A. & Silva, S. O. (Coord.) *Atas do Colóquio Liberdade de expressão, liberdade de imprensa e discurso de ódio*, pp. 49-68. Faculdade de Direito da Universidade do Porto.
- Carlson, C. R. (2022). *El discurso del odio*. Cátedra.
- Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância do Conselho da Europa. (2018). *Relatório da ECRI sobre Portugal (quinto ciclo de controlo)*. ECRI/CE.
- LLYC. (2023). Relatório Discurso de ódio e orgulho LGBTQI+ no debate digital. LLYC IDEIAS.
- Saleiro, S. P. (org.). (2022). Estudo nacional sobre necessidades das pessoas LGBTI e sobre a discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género e características sexuais. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Silva, M. T. (Coord.). (2021). Discurso de ódio, jornalismo e participação das audiências. Almedina.
- Williams, M. (2022). A ciência do ódio. Como o preconceito se transforma em ódio e o que podemos fazer para travá-lo. Contraponto.
- Wodak, R. (1997). 'Círculos específicos' e discurso anti-semita: a construção do discurso do 'outro'. In Pedro, E. R. (Org.) *Análise crítica do discurso*, 377-396. Caminho.